

Comentários sobre Constipação X Encoprese – O Que Fazer Com o Cocô? Encoprese em Psicoterapia

Comments about Constipation x Encopresis - What To Do With the Poo? Encopresis in Psychotherapy

Iara L. Camaratta Anton¹

Introdução

Em primeiro lugar, parablenzo a autora, Psicóloga Ana Paula Siviero Pacheco, pelo excelente estudo a respeito desse relevante assunto, ainda tão pouco examinado pela Medicina e pela própria Psicologia. Agradeço ao DOMUS e à Comissão Editorial da Revista Pensando Famílias a oportunidade de comentá-lo e de tecer mais algumas considerações sobre “Encoprese em Terapia”.

Encoprese em Terapia

A Encoprese apresenta características marcantes, tornando desagradável e perturbador tanto o processo de retenção quanto o de expulsão das fezes e dando ao indivíduo a sensação de não ter controle sobre si mesmo, pois ele retém quando deseja expulsar, e expulsa quando desejaria reter. Mas o desejo consciente nem sempre equivale ao inconsciente, e a presença da Encoprese costuma funcionar como uma linguagem: a um só tempo, é sintoma e, como tal, denuncia; é linguagem e, como tal, revela algo e pode ser compreendida como um pedido de ajuda.

¹ Psicóloga. CRP 07/0370. AGATEF 275.

Psicoterapeuta Individual, de Casais e de Famílias. Membro do Comitê de Psicoterapia de Casal e de Família da SPRGS.

Autora dos livros: *A Escolha do Cônjuge – um Entendimento Sistêmico e Psicodinâmico* (ARTMED); *Homem e Mulher – seus Vínculos Secretos* (ARTMED); *Cegonha à Vista! E agora, o que vai ser de mim?* (Editora EST).

Em terapia, o que eu chamaria de “processo encoprético” manifesta-se através do comportamento, ora retentivo (como, por exemplo, através da impossibilidade de falar no assunto – neste e naqueles a serviço dos quais desenvolveu-se o distúrbio em pauta), ora desagradavelmente expulsivo (falando ou agindo impulsivamente, dizendo palavras que possam suscitar vergonha e arrependimento, ofendendo, fugindo...).

A família está profundamente envolvida, e a encoprese denuncia uma dificuldade psíquica, emocional, vincular, importante. A questão da agressividade, nestes casos, é nodal.

Assim sendo, o que estou denominando “comportamento encoprético” tende a se manifestar coletivamente, tanto no dia a dia quanto no processo terapêutico, e os conflitos tendem a ser distribuídos entre seus diferentes membros. A ambivalência, por exemplo, pode levar a que um dos genitores apóie os investimentos na saúde da criança, e outro resista ou, até, boicote. O ato de reter pode surgir através da não-informação de dados importantes (principalmente os relativos às trocas emocionais e à história familiar), a tentativas no sentido de reduzir os valores das sessões ou, principalmente, a atrasos nos pagamentos. E o ato expulsivo pode manifestar-se através de palavras desagradáveis, de gestos abruptos e do abandono à terapia.

A atitude coerente do terapeuta constitui-se em ingrediente essencial para que o trabalho torne-se possível e efetivo. Esta é muito mais decisiva do que qualquer técnica empregada, e Ana Paula mostrou-se muito habilidosa no acolhimento a esta família e na adaptação à realidade apresentada. O “processo encoprético” fez-se presente na sala de terapia, e a terapeuta, com sensibilidade e eficiência, procurou compreender o que se passava e ajudou a abrir caminho para as mudanças almejadas.

Apreciação

Ana Paula recebe em tratamento um garoto e uma família com dificuldades importantes, das quais o pequeno João é o porta-voz, e a encoprese apresenta-se como o “problema” mas é, na verdade, “uma denúncia” e um “pedido de socorro”.

Ana Paula compreende a angústia e as contradições familiares, e habilmente insinua-se por entre as vias de acesso por ela percebidas, sem se opor e sem confrontar as zonas de resistência. Obedece às condições que possibilitam o estabelecimento de uma aliança de trabalho, quando tudo indica que a vinculação entre família e terapeuta não é, por si só, nada fácil. Ceder e adaptar-se perante defesas rígidas e arcaicas, poderia ser indício de fraqueza por parte do terapeuta, porém, em algumas circunstâncias, indi-

cam sensibilidade e inteligência, consistência e flexibilidade. E é exatamente isso que Ana Paula faz: ela pára, recua, faz adaptações e, por isso mesmo, consegue avançar e obter o êxito almejado.

A impressão que me passa o relato é de extremas ambivalências no seio dessa família, com o emprego maciço de mensagens paradoxais que, a um só tempo, prendem e expulsam, protegem e maltratam. Não parece haver saídas possíveis. Mas a esta psicoterapia, ao que tudo indica, oportuniza que alguma saída seja encontrada, quando a terapeuta dispõe-se a “jogar o jogo da família”, e consegue operar mais livremente junto aos sub-sistemas por gênero, certamente passando alguma mensagem tranqüilizadora à mãe de João (ausente mas presente; ou melhor: presente em sua própria ausência), que suporta a terapia do modo como ela se constrói, e suporta o progresso do filho que, apesar de conscientemente desejado, muito provavelmente reativa conflitos e temores inconscientes, representando riscos e perdas talvez até insuspeitos.

Sob esses e outros aspectos, o prognóstico parece muito bom. Mas cabe lembrarmos que a encoprese é sintoma e pedido de ajuda: algo há, por trás, que precisa ser bem trabalhado e elaborado para que, com o tempo, um sintoma não venha a ser, simplesmente, substituído por outro.

As duplas-mensagens são muito marcantes na história de João. Observa-se que o sintoma apresentado ultrapassou os limites desejáveis, criando diversas situações frustrantes e constrangedoras. Esta é a razão mais evidente para a busca de ajuda terapêutica. Mas se João não apresentar mais este problema ou outro, o que será desta família? Quem ocupará seu lugar, quem exercerá as funções a ele destinadas? Em quem será descarregada a agressividade e a quem caberá a culpa pelos mais diversos constrangimentos? Na medida em que as razões originais do sintoma não forem decifradas e elaboradas, estas ficarão pressionando e, de uma ou de outra forma, se reapresentando. Assim, João deverá ser retirado da terapia o mais depressa possível, antes que seus progressos sejam consolidados. Já não apresenta encoprese, mas certamente ainda tem muito a aprender sobre si mesmo, sua família, sua vida. Agora, está em outra fase da terapia – aquela que Maria, a mãe, considera de necessidade questionável; aquela que ultrapassa o manifesto e atinge a essência vincular.

Mas a família de João, com suas particularidades, tem se mostrado capaz de aderir à terapia, ainda que indiretamente, pois o pai se compromete às claras e a mãe e a irmã apóiam ou, ao menos, não atrapalham. Ou seja: o sistema parece aberto às influências do processo de mudança, com algumas muito naturais resistências. Tanto é que pai e filho continuam em atendimento, apesar de todos já poderem perceber que, quando uma parte

do sistema muda, todo o sistema acaba por mudar.

Uso de brinquedos e brincadeiras em terapia

O uso de brinquedos e brincadeiras em terapia com crianças é indispensável. Torna o contato mais leve, e permite a expressão através de recursos lúdicos, altamente simbólicos. A criança brinca enquanto os adultos conversam. A criança brinca sozinha, ou com seus pares, ou com os adultos. Cria histórias paralelas. Projeta e plastifica seu mundo interno em imagens por ela criadas ou por ela assumidas, a partir de suas mais diversas convivências e estímulos. Em quaisquer circunstâncias, ela reproduz cenas do cotidiano e expressa suas fantasias, seus anseios e temores, bem como suas interpretações pessoais. Assim, ela trabalha na elaboração de seus conflitos infantis. Muitas e muitas vezes, ela surpreende aos adultos através daquilo que revela enquanto brinca. Muitas vezes, ela abre-lhes um canal de acesso, e estabelece o diálogo num plano diferente daquele que a realidade externa pretende impor. Deste modo, permite um canal de acesso ao terapeuta, aos pais, aos amiguinhos, etc.

João deu um belo exemplo disso através de seus robôs e de suas fantasias com relação a Batman. E a terapeuta descobriu que aí se abria um caminho para a introdução do novo. Não cobrou a vitória sobre a encoprese. Atraiu para um processo de convite e validação ao crescimento, e de identificação com o ídolo do garotinho – na presença de seu pai, elemento essencial ao processo.

Qual seria a idade de João? O canal de acesso apresentado sugere que ainda esteja em idade pré-escolar, quando tais fantasias ainda estão muito disponíveis e não-censuradas por dados de realidade externa. O faz-de-conta permitiu o distanciamento necessário para o estabelecimento de seu diálogo interior. Risco haveria se este fosse definitivo e um mero engodo – alimento para um processo esquizofrenizante, oposto ao que se observa no processo relatado.

Síntese conclusiva

Ana Paula coloca a nosso dispor um tema relevante, que mereceria ser mais ampla e profundamente examinado. Mas penso que poderia esboçar uma síntese, reproduzindo o escrito no “Cegonha à Vista” (2006, p. 144), justamente no capítulo dedicado à questão do Controle dos Esfíncteres. Seguindo o sub-título “Controle: a inserção do ser humano em sua cultura”, escrevemos:

A questão do controle esfinteriano tem a ver com o amadurecimento neuropsicomotor e com a aprendizagem. Animais não têm pudores quanto a seus produtos, mas muitos deles tendem a ser espontaneamente cuidadosos. Pássaros limpam seus filhotes e seus ninhos. Alguns animais quadrúpedes são muito cuidadosos em relação à higiene de suas crias. Alguns deles, ao crescerem, escolhem lugares mais distantes daqueles pelos quais circulam ou nos quais se alimentam, acasalam e dormem. A busca de limpeza mostra-se bastante comum em boa parte dos seres vivos.

Entre os seres humanos, além do aspecto instintivo, existem aspectos funcionais e culturais. A convivência pressupõe atitudes e comportamentos que preservem a saúde e o bem-estar coletivos. O controle esfinteriano, nesse contexto, sinaliza a sujeição do sujeito à cultura, devidamente representada e sintetizada pelos pais. Acontece uma 'sujeição' que sinaliza uma conquista sobre si mesmo e funciona como um dos muitos 'passes' a serem apresentados por quem deseja, efetivamente, participar da sociedade à qual pertence.

Referências

Anton, I. L. C. (2006). Controle dos esfínteres. In I. L. C. Anton e cols. *Cegonha à vista! E agora, o que vai ser de mim?* (pp. 128-144). Porto Alegre: Est Edições.

Endereço para correspondência

iaracamaratta@redemeta.com.br

Recebido em 29/05/2007

Aceito em 06/06/2007